

Entidades avaliam ato contra os assassinatos no campo e na cidade

Diversas entidades de Direitos Humanos que organizaram o ato "Erguendo Barricadas! Basta de Assassinatos! Nenhum Militante a Menos! Contra os Assassinatos no Campo" realizaram, no dia 16/8, uma reunião na sede da APROPUC para avaliar a atividade do ato do dia 8/8, no TUCA, e pensar os próximos passos do movimento.

As entidades avaliaram que o ato foi muito importante para chamar atenção da sociedade para os inúmeros casos de violência contra as pessoas que lutam pelos direitos humanos em todo o país, e para iniciar uma rede de proteção aos militantes ameaçados. Também foi discutida a necessidade de expandir a divulgação das denúncias, como forma de tentar protegê-los.

Nesse sentido, serão realizados dois documentários em vídeo: um sobre o ato no TUCA e, o outro, para

contar, além das histórias dos oito militantes, presentes ao ato, o quadro de perseguição no brasileiro. Os documentários, em conjunto com a revista feita pelas entidades organizadoras, assim como a última edição do jornal *PUCviva*, servem como instrumento para que as entidades denunciem o processo sistemático de perseguição a militantes que se colocam contra os interesses do grande capital.

Na próxima reunião, que acontecerá no dia 30/8, novamente na sede da APROPUC, as entidades debaterão a formação da rede de proteção aos militantes, e a possibilidade de enviar representantes para o encontro das Mães de Maio, entre os dias 15 e 17/9, em Buenos Aires. A elaboração de uma carta para convocar outras entidades a compor a rede de proteção também está entre as prioridades.

Estudantes realizam manifestação por 10% do PIB para a educação

Estudantes realizarão um ato na PUC-SP, no próximo dia 23/8, às 18h30, para reivindicar que 10% do Produto Interno Bruto (PIB) do país - soma de todas a produção nacional - seja destinado à educação pública. A APROPUC apoia a reivindicação dos estudantes.

A mobilização na PUC-SP faz parte de uma campanha nacional que visa influenciar o debate em torno da aprovação do novo Plano Nacional da Educação (PNE), que deve acontecer ainda esse ano no Congresso Nacional. O PNE define todas as metas para educação para os próximos dez anos. Um dos pontos mais polêmicos é o debate sobre o financiamento para a educação. A proposta do governo federal é que sejam investidos 7% do PIB na área até 2020.

No manifesto de convocação do ato, os estudantes afirmam que "o ano de 2010

terminou com um balanço alarmante, enquanto o governo gasta 45% do nosso PIB com pagamento dos juros da nossa dívida pública, ele investe menos de 5% em educação. A proposta atual do governo federal, escrita neste novo PNE, é que ele passe a investir 7% do PIB na educação até 2020, enquanto os movimentos sociais brigam pela implementação de 10% do PIB na educação pública já!".

As entidades estudantis realizarão uma jornada de lutas entre os dias 22 e 24/8, em Brasília, junto com outros movimentos sociais, como Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST).

A jornada terminará com um grande ato, onde as diversas entidades organizadoras entregaram uma carta à presidente Dilma Rousseff (PT) com a lista de reivindicações dos movimentos.

AFAPUC tem nova diretoria

A chapa AFAPUC de Todos, presidida por Nalcir Antônio Ferreira Jr., da DTI, foi eleita para a direção da entidade no biênio 2011/2013, obtendo 216 votos de um total de 229 votantes em todos os campi da PUC-SP. Cinco associados votaram nulo e oito votaram em branco. Entre as propostas da

nova diretoria está a luta pela obtenção de um novo espaço para a entidade, o combate às situações inadequadas aos trabalhos dos funcionários e uma campanha para a obtenção de um novo Plano de Cargos e Salários que conte com a participação de todos. Veja ao lado a composição da chapa.

A nova direção da AFAPUC

Nalcir Antonio Ferreira Jr.
Presidente

Adenilson Medeiros
Vice-Presidente

Francisco Cristovão 1º Secretário

Flávio Luis Nogueira 2º Secretário

Ricardo Neves de Oliveira 1º Tesoureiro

Benedito Arão dos Santos 2º Tesoureiro

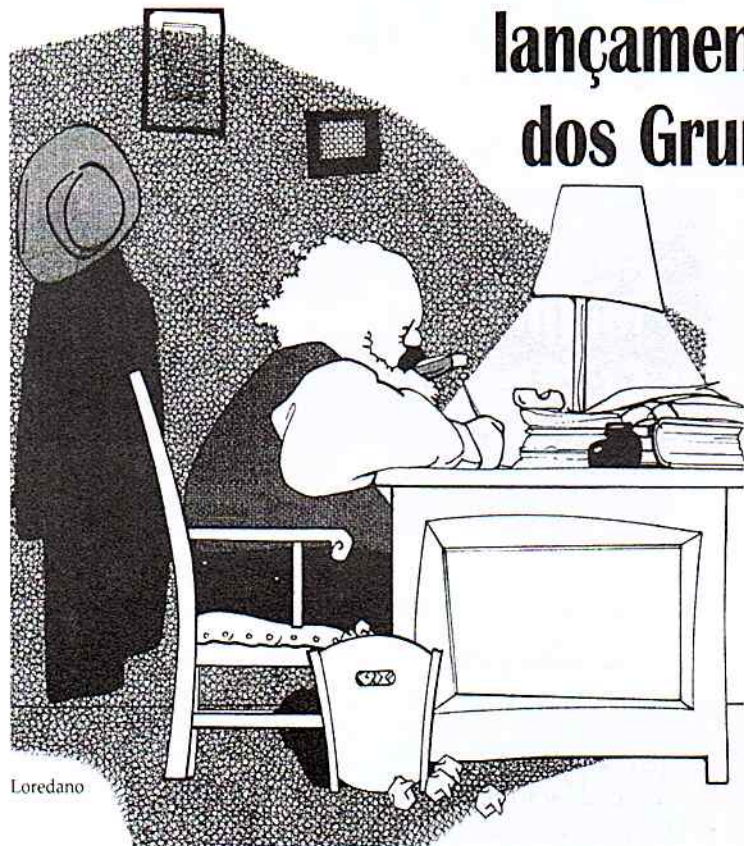
Conselho Fiscal

Mônica Souza da Silva - Paulo Cesar Albanex - Cleonice R. de Oliveira

Suplentes

Rivaldo Carlos de Oliveira - Adriana S. Bandeira - José A. Zanetti

Debate na PUC-SP marca lançamento da edição brasileira dos Grundrisse, de Karl Marx



Loredano

No dia 31/8, quarta-feira, às 19h30, no Tucarena, a Editora Boitempo lançará a edição brasileira dos *Grundrisse*, manuscritos econômicos de Karl Marx escritos entre 1857 e 1858. Trata-se da primeira edição em português traduzida diretamente do alemão.

O lançamento acontece também em outras cidades brasileiras e, em São Paulo, terá a participação de Mario Duayer, Jorge Grespan e Francisco de Oliveira, com a mediação da professora Bia Abramides, da APROPUC.

Os *Grundrisse*, escritos entre 1857 e 58 são considerados um esboço para a grande obra

O Capital. Para Victor Sartori, pós-graduando da PUC-SP e integrante do NEHTIPO: "Nesses escritos preliminares é possível se perceber que temáticas usualmente vistas como pertinentes somente ao 'jovem Marx' estão em toda sua obra: a presença do tema da alienação, por exemplo, é marcante. Só isso já dá valor inestimável ao livro agora disponível em português".

O evento, em São Paulo, é realizado pela APROPUC-SP, Boitempo Editorial, NEHTIPO (Núcleo de Estudos de História: Trabalho, Ideologia e Poder), HIMEPE (História, Memória e Pensamento Econômico) e Faculdade de Ciências Sociais.

Conselhos têm novos representantes administrativos

Juntamente com as eleições da AFAPUC os funcionários votaram em seus representantes no Conselho Universitário (Consun), Conselho de Planejamento e Administração (Conplad) e Conselho de Relações Comunitárias e Cultura (Ceccom).

O resultado final apontou uma votação de 453 funcionários, sendo que era possível votar-se isoladamente para cada uma das chapas.

O resultado da votação de cada conselho estará no site da AFAPUC. Ao lado publicamos a relação dos eleitos.

Conselhos

CONSUN

Andrea de Melo
 Maria Helena S. Borges
 Reynaldo Machado
 Maykel Chagas B. Araujo
 Paulo Davi C. Jr.
 Marta de Los Santos Rojas
 Carlos Alberto D. dos Santos
 Fernanda Lilia da Silva
 Celia Regina de Aro

Suplentes

Rui Domingos de Oliveira
 José Manuel A. Gomes
 Fernando Tadeu Teixeira
 Arthur Alexandre Simone
 Ubirajara de Mello e Silva
 Marta de Jesus da Silva
 Kelly Maria de A. Cavalheiro
 Cleonice Regina O. Duarte
 Roberto Julio Gava

CECCOM

Solange Ap. Cubero Ferreira
 Suzimar Wacton de Moraes
 Deyse Cristiane da Silva
 Guilherme Carandina Lopes
 Denise Cristina de J. Souza
 Isabel Cristina da Silva
 Inácia Maria de Vasconcelos
 Rosângela Macedo dos Santos
 Marlene Camargo

Suplentes

Letícia Santos V. Prandini
 Ana Paula Lopes Machado
 Edilene de Fátima Moretti
 Isabel de Souza
 Liliâne Almeida de Paula

CONPLAD

Arthur Gagliardi
 Monica Ferreira Souza Silva
 Joyce Amaral Gonçalves
 Miriam Solange G. Soares
 Adelina de Oliveira Sobrinho
 Luana Gomes Anhasco
 Katia Inês de F. Pereira
 Bruno Pinotti Cason
 Ricardo de Freitas Dias

Suplentes

Kelly Cristina de Souza
 Adriana da Silva Bandeira
 Larissa Trevison Pereira
 Jeferson B. de Alcântara
 Rosângela Souza
 Willian Casemiro da Silva
 Priscila Maria de Pontes
 Pedro Afonso Sarmento
 Paulo Cesar Albanez

PUCViva Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira, 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua João Ramalho, 182 - 7º andar - Fone: 3670-3391.

PUCViva: 3670-3391 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Caio Rubens Zinet, Marina D'Aquino e Ana Carolina Andrade

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtordt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

A HOMENAGEM DE COLEGAS E ESTUDANTES À PROFESSORA MARIA ANGÉLICA

No sábado, 13/8, faleceu em mais um estúpido acidente de trânsito paulistano, a professora Maria Angélica Soler. Paraguaia de nascimento, Maria Angélica era docente na PUC-SP desde o final dos anos 60, chegando a assumir a chefia do departamento de História. Embora aposentada, ela continuava ministrando aulas na universidade e participando ativamente de núcleos de pesquisa. Nesta página colegas de departamento e ex-alunos relatam um pouco da trajetória da professora e mostram a sua revolta contra as absurdas condições do trânsito na cidade.



DIVULGAÇÃO

Uma história de luta pela cultura latinoamericana

Yvone Dias Avelino

Triste final para uma pessoa que teve uma vida sofrida, mas que soube em todos os momentos superar a dor e transformá-la em um sorriso cativante. Assim era Maria Angélica. Mulher discreta, profissional competente e responsável, mãe dedicada e carinhosa, que se desdobrava entre o lar e o trabalho.

Veio pequena do Paraguai com sua família, por ser o pai um militante político obrigado a sair de seu país, e aqui fincou raízes. Angélica fez seus cursos todos no Brasil, e estudou na Faculdade Sedes Sapientiae, onde se formou em História, e passou a ser professora nesta Faculdade no fim dos anos 60. Foi para a PUC-SP durante a Reforma Nacional Universitária dos anos 70, quando o Sedes se incorporou definitivamente à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Neste momento, nasceram os Departamentos na universidade passando ela a integrar o de História como professora de História Ibérica.

Sempre atuante, chegou à chefia do referido Departamento logo depois de ter defendido o seu Doutorado na USP, tendo como orientador o professor doutor Eduardo de Oliveira França, que a conduziu como um pai ao altar, por ocasião de seu casamento. Isto nos mostra a relação de carinho e afeto daqueles que com ela conviviam. Pequena e frágil fisicamente, era forte e ativa nas suas atuações, dando força e esperança aos colegas em momentos de tensão. Aos alunos e alunas, ouvia com atenção, e seus orientandos se transformavam em "filhos intelectuais", além de amigos que com ela partilhavam momentos sociais e acadêmicos.

Foi junto à professora doutora Maria Izilda Santos de Matos, também do Departamento de História, uma das fundadoras do Núcleo de Estudos da Mulher, o primeiro Núcleo de Pesquisa do Departamento de História. Atualmente, também integrava o Núcleo de Estudos de História Social da Cidade - NEHSC - da PUC-SP, coordena-

nado pela professora doutora Yvone Dias Avelino, assim como o Centro de Estudos de História da América Latina, coordenado pela professora doutora Vera Lucia Vieira. Participava ainda das aulas do Curso de *Lato Sensu* do Departamento de História, assim como orientava TCCs no referido curso, e ministrava aulas na Faculdade da Terceira Idade. Era ativa integrante do Núcleo Cultural Guaraní Paraguai Teete que, juntamente com outros vários paraguaios, pretendia recuperar a importância e o significado da cultura paraguaia na América Latina. Para isso, juntou os núcleos aos quais fazia parte e realizou na PUC-SP a comemoração dos 200 anos da independência do Paraguai, em maio de 2011. Sua morte ceifou o dinamismo de uma nacionalista que seria o carro-chefe de um evento comemorativo à fundação da cidade de Assunção, no dia 16 de agosto, três dias depois do trágico acontecimento.

Maria Angélica não será mais o carro-chefe dos eventos

comemorativos do Paraguai na América Latina. Será a memória eternizada dos novos rumos que a cidade de São Paulo começa a seguir em função dos desdobramentos das novas leis de trânsito. Eis sua nova função. Sua memória vai manter vivo o seu dinamismo em todos os lugares por onde atuou, sendo exemplo de retidão de caráter, de disciplina profissional e pessoal, como cidadã, de mãe e esposa afetuosa, de amiga sincera, de mestra competente e de modelo de humildade, discrição e alegria. Não permitiremos que haja impunidade no crime que a tirou de nós. Esta bandeira será erguida por todos que a conheceram e que com ela partilharam a vida acadêmica, familiar e social. E também por aqueles que não a conheceram, mas não aceitam na sociedade tal violência que, acreditamos, tenderá a diminuir, como último legado de Maria Angélica. Que sua alma descanse em paz.

Yvone Dias Avelino é professora do departamento de História

Recordações de Angélica

Vera Lucia Vieira

A morte de Angélica expressa para mim a perda de uma parte de minha própria história desde que nos encontramos pela primeira vez nos corredores do antigo Sedes Sapientiae e depois na USP. Embora ela fosse de uma turma anterior à minha na graduação, fizemos juntas os cursos obrigatórios de pós-graduação em História naquela Universidade e tínhamos em comum o mesmo orientador. Desde aquele momento nossa condição de "estrangeiros" nos aproximou e, juntamente com José Sebe Bom Meyer, formamos um trio que, conforme ela mesma gostava de dizer, tinha nesta característica uma identidade comum. Estrangeiros porque ela advinha do Paraguai, eu do interior paulista, de uma comunidade formada por imigrantes italianos, árabes e espanhóis. E Sebe era sefardim. Outra coisa que nos unia era o pouco dinheiro para comprar os livros e para pagar as despesas com a pesquisa, em uma época em que o acesso à documentação era dificultado não apenas pela falta de organização dos arquivos, mas porque tudo tinha que ser transcrito manualmente, o que nos consumia um tempo enorme, além de ficar inviável porque tínhamos que trabalhar para sobreviver. Contávamos com bolsas de estudos e quem possuía a casa mais organizada para as reuniões de estudos era Angélica que morava com os pais.

Desta convivência estudantil era possível vislumbrar o que significava ser latino americano em um país que se vê como europeu e que olha para seus irmãos do continente com preconceito e menosprezo. Nesta condição Angélica era mais "estrangeira" do que eu. Mas ela tinha uma história para mim, fascinante e espero que seu filho a retenha para contar a seus netos. Não sei se tudo que me lembro eram fatos reais, ou se são parte de um imaginário que fui construindo ante as evidências extraídas de discussões familiares

que Angélica procurava situar rapidamente a título de justificar a contenda que ouvíamos de forma invasiva.

Não se assuste o leitor, não de trata de devassar aspectos da intimidade familiar de minha colega e tomo a liberdade de rememorar estes fatos, não só porque a eles já havia me referido ao dialogar com Angélica sobre a Independência do Paraguai, no encontro organizado pelo Núcleo Cultural Guarani Paraguay Teete, do qual ela era uma das coordenadoras, juntamente com o Centro de Estudos de História da América Latina (CEHAL). Na ocasião ela me disse que, um dia, iria recuperar esta história que lhe deixara tantas marcas e que a impulsionava agora em sua luta pela unificação dos paraguaios sediados no Brasil e pelo próprio Paraguai.

Seu pai integrava, conforme rememoram outras colegas de Angélica, o movimento Febrerista, quando Strossner assumiu o poder e instaurou uma das mais longas ditaduras conhecidas na América Latina. Embora fosse parte integrante do grupo de profissionais liberais paraguaios, diferentemente das oligarquias rurais e da frágil burguesia urbana que se respaldou nas forças armadas para continuar a fazer valer seus interesses de classes ante um possível acirramento das lutas de classes decorrente da etapa de desenvolvimento capitalista experimentado pelo Paraguai naquele momento; o pai de Angélica optou pelo Febrerismo.

Esse partido tem seu nome originário em um movimento popular, que emerge em 1936 logo após a guerra do Chaco e que reuniu cerca de 126.000 pessoas de todas as classes sociais, levando ao poder presidente Franco.

O Partido Febrerista lutou contra a ditadura de Strossner desde sua instauração em 1954 até seu término em 1988. Em fins de 1960 juntamente com o grupo guerrilheiro 14 de Mayo tentaram derrubar a ditadura.

A família de Angélica vem para o Brasil ainda na década de 1950, deixando no Paraguai todo o pa-

trimônio material que possuíam e se afastando do núcleo familiar, tão caro para todo paraguaio. Além disso, vêm para conviver, no Brasil, com uma outra ditadura que mantinha laços muito estreitos com Strossner. O medo rondou assim, a vida cotidiana de Angélica e provocava tensões familiares que ela contornava com a fleuma que só possuem os que sentem de perto os limites da segurança ante um poder ditatorial, contornava nos explicando rapidamente o contexto que os gerava.

Expressa bem a condição de exílio de inúmeros paraguaios que a família de Angélica era parte integrante, o fato de que a primeira convenção do Partido Febrerista realizada em solo paraguaio só acontece em 1970. Da citada convenção é lançado um panfleto com denúncias contra a ditadura, inclusive sobre a construção da Usina de Itaipu que servia de ponte também para a repressão encetada pelos dois países.

O pai de Angélica volta para o Paraguai no início da década de 1980, exatamente quando se forma a coalizão política que resultará no Acordo Nacional contra a

autocracia bonapartista de Alfredo Stroessner. Angélica, já inscrita na vida acadêmica puquiiana, permanece no Brasil por opção pessoal e sem maiores vínculos do que os estabelecidos com amigos, cuja relação fora construída ao longo de sua vida, pois só viria a se casar com Arnaldo tempos depois. Nesta condição ela reproduz aqui o que é tão caro para os paraguaios: o atuar na comunidade, pelo coletivo, que se transformou em sua segunda família, juntamente com o marido e o filho e, recentemente, com o Núcleo Cultural Guarani Paraguay Teete através do qual intentava contribuir para ampliar as relações culturais entre o Brasil e o Paraguai.

Vera Lucia Vieira é professora do Departamento de História

Agradeço as informações recebidas de Cristina Prado, ex-aluna da PUC-SP e também colega de Angélica. Por seu intermédio pude obter informações advindas diretamente de paraguaios com os quais ela possui relações familiares, os quais, por sua vez, conheceram o pai de Angélica.

Notícia triste e revoltante

Tatiana Brondi Barros

Hoje me espantei ao pegar o jornal (*Folha de S.Paulo*) para ler as manchetes da capa, coisa que faço todas as manhãs, e qual foi o meu espanto, choque e tristeza ao ver estampada uma notícia dizendo: "Professora da PUC-SP morre atropelada em Higienópolis" e, ao ler o nome dela, vi que se tratava de Maria Angélica Soler.

Não sei quantos de vocês tiveram o privilégio de conhecê-la ou ter assistido suas aulas... Eu tive na graduação e na pós *Lato Sensu*, tempo suficiente para guardar a lembrança de uma pessoa muito boa, tranquila e inteligente. E ao que pude ler na sinopse profissional, também engajada em projetos voltados

para questões latinas e sociais.

A parte que me revolta é saber que o motorista que tirou a sua vida estava dirigindo bêbado e em alta velocidade, segundo testemunhas, mas, mesmo assim, ainda quis culpar a vítima, dizendo que a mesma atravessava fora da faixa e se negou a fazer o teste do bafômetro alegando que não tinha bebido (a recusa já mostra culpa).

Até quando isto vai continuar acontecendo??? Até quando pessoas como ela e muitas outras terão suas vidas ceifadas por estes irresponsáveis??? Deixo aqui meu manifesto e peço que divulguem!

Em memória de Maria Angélica Soler.

Tatiana Brondi Barros é ex-aluna de História da PUC-SP.

GAUCHE NA VIDA

O capitalismo bestial ataca nas ruas

David Harvey

"Adolescentes niilistas e bestiais". Foi como o jornal *Daily Mail* apresentou-os: os jovens enlouquecidos, vindos de todas as vias da vida, que correram pelas ruas sem pensar, desesperadamente atirando tijolos, pedras e garrafas contra os policiais, saqueando aqui, incendiando ali, levando as autoridades a uma também enlouquecida caçada de salve-se quem puder/agarre o que conseguir, enquanto os jovens iam alterando seus alvos estratégicos, saltando de um para outro.

A palavra "bestial" saltou-me à vista. Lembrou-me que os communards em Paris em 1871 foram mostrados como animais selvagens, como hienas, que mereciam ser (como foram, em vários casos) sumariamente executados, em nome da santidade da propriedade privada, da moralidade, da religião e da família. Mas em seguida a palavra trouxe-me outra associação: Tony Blair atacando a "mídia bestial", depois de ter vivido por tanto tempo confortavelmente alojado no bolso esquerdo de Rupert Murdoch, até que Murdoch meteu a mão no bolso direito e de lá tirou David Cameron.

Evidentemente haverá o debate histórico de sempre, entre os sempre prontos a ver a agitação das ruas como questão de pura, simples e imperdoável criminalidade, e os ansiosos por contextualizar eventos em termos de polícia incompetente; de eterno racismo e injustificada perseguição aos jovens e às minorias; de desemprego em massa entre os jovens; de pauperização incontrolável da sociedade; de uma política autista de aus-

teridade que nada tem a ver com a economia e tudo tem a ver com a perpetuação e a consolidação da riqueza e do poder individuais. Haverá até quem condene o sem sentido e a alienação de tantos trabalhos e empregos e tal desperdício da vida de todos os dias, de tão imenso, mas desigualmente distribuído, potencial para o florescimento humano.

Se tivermos sorte, haverá comissões e relatórios que dirão tudo, outra vez, que já foi dito sobre Brixton e Toxteth nos anos Thatcher. Digo "sorte", porque os instintos bestiais do atual primeiro-ministro parecem tender mais a mandar usar canhões d'água, a convocar a brigada do gás lacrimogêneo e a usar balas revestidas de borracha, ao mesmo tempo em que ele untuosamente pontifica sobre a perda da bússola moral, o declínio da civilidade e a triste deterioração dos valores da família e da disciplina entre os jovens sem lar.

Mas o problema é que vivemos em sociedade na qual o próprio capitalismo se tornou besta fera rampante. Políticos-feras mentem nos gastos, banqueiros-feras assaltam a bolsa pública até o último vintém, altos executivos, operadores de *hedge funds* e gênios do lucro privado saqueiam o mundo dos ricos, empresas de telefonia e cartões de crédito cobram misteriosas tarifas nas contas de todos, varejistas aumentam preços, por baixo do chapéu artistas vigaristas e golpistas aplicam seus golpes até entre os mais altos escalões do mundo corporativo e político.

Uma economia política de saqueio das massas, de práticas predatórias que chegam ao assalto à luz do dia, sempre contra os mais pobres e vulneráveis, os

simples e desprotegidos pela lei - isso é hoje a ordem do dia. Alguém ainda crê que seja possível encontrar um capitalista honesto, um banqueiro honesto, um político honesto, um comerciante honesto ou um delegado de polícia honesto? Sim, existem. Mas só como minoria, que todos os demais consideram idiotas. Seja esperto. Passe a mão no lucro fácil. Fraude, roube! A probabilidade de ser apanhado é baixa. E em qualquer caso, há muitos meios para proteger a fortuna pessoal e impedir que seja tocada pelos golpes das corporações.

Tudo isso, dito assim, talvez choque. Muitos de nós não vêm, porque não queremos ver. Claro que nenhum político atrevese a dizer essas coisas e a imprensa só publicaria, se algum dia publicasse, para escarnecer de quem dissesse. Mas acho que todos os que correm pelas ruas agitando a cidade sabem exatamente a que me refiro. Estão fazendo o que todos fazem, embora de modo diferente - mais flagrante, mais visível, nas ruas. O Thatcherismo despertou os instintos bestiais do capitalismo (o "espírito animal" do empreendedor, como o chamam timidamente) e, desde então, nada surgiu que os domasse. Destruir e queimar é hoje a palavra de ordem das classes dominantes, de fato, em todo o mundo.

Essa é a nova normalidade sob a qual vivemos. Isso deveria preocupar o presidente do inquérito que logo será nomeado. Todos, não só os jovens agitadores, devem ser chamados às falas. O capitalismo bestial deve ser levado a julgamento por crimes contra a humanidade, tanto quanto por crimes contra a natureza.

Infelizmente, isso é o que os agitadores nem vêm nem exigem. Tudo conspira para nos impedir de ver ou exigir exatamente isso. Por isso o poder político tão facilmente se traveste na roupagem da moralidade e de uma razão repugnante, de modo que ninguém veja a corrupção nua e a irracional estupidez.

Mas há réstias de esperança e luz em todo o mundo. O movimento dos indignados na Espanha e na Grécia, os impulsos revolucionários na América Latina, os movimentos camponeses na Ásia, todos esses começam a ver através da imundície que o capitalismo global, predatório, bestial lançou sobre o mundo. O que ainda falta para que todos vejamos e comecemos a agir? Como se poderá começar tudo outra vez? Que rumo tomar? As respostas não são fáceis. Mas uma coisa já se sabe: só chegaremos às respostas certas, se fizermos as perguntas certas.

David Harvey é professor emérito do Graduate Center da City University of New York. Pode ser encontrado através de sua página em <http://davidharvey.org/>. Tradução do coletivo da Vila Vudu

Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.

Professora comenta sobre os impactos de Belo Monte

A luta contra a construção da Usina de Belo Monte, teve, neste sábado, 20/8, repercussão mundial. Em 15 países e nove capitais brasileiras, atos contra a construção da hidrelétrica levaram às ruas organizações de defesa do meio ambiente, entidades estudantis, sindicatos, ONGs, partidos. O PUCviva entrevistou a professora da PUC-SP, Marijane Lisboa, socióloga, uma das fundadoras do Greenpeace no Brasil e relatora na Missão Xingu: Violações de Direitos Humanos e Impactos Socioambientais e no Licenciamento da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.

Hoje, o que significa no Brasil a aprovação do Código Florestal e a Construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte?

Nos dois casos estamos passando por um retrocesso na política ambiental. No caso de Belo Monte, a aprovação desse projeto não se sustenta ambientalmente, financeiramente, nem do ponto de vista energético. O projeto foi aprovado contra pareceres técnicos, contra várias ações na justiça, 11 ações, em que o governo consegue intervir junto ao Supremo para suspender e caçar liminares, de modo a permitir que o processo continue. Evidentemente, há uma contrariedade: se existe um pedido de liminar é por haver um risco eminente que deve ser concedido até que se possa ser analisado no mérito.

Já a questão do Código Florestal teve uma proposta final que acabou sendo aprovada, e piorada - ela já era bastante ruim -, porque visa premiar aqueles que desmataram, permitindo que se possa desmatar em áreas de preservação ambiental. São áreas de risco, de proteção ambiental. Ou seja, trata-se de

um enorme retrocesso, e tanto é que foi posição unânime entre os ex-ministros do Meio Ambiente, independente do partido que pertenciam, indicando dois sinais muito alarmantes de que a política ambiental do governo Dilma vai até ser pior que a do governo Lula.

E que projeto de desenvolvimento está em jogo? Qual a relação entre os grandes eventos que irão acontecer no país e essas grandes obras?

Baseiam-se na mesma lógica: desenvolvimento é resultado de crescimento econômico e crescimento econômico é provocado por investimento público em grandes obras. Essa foi uma tese já derrotada mundialmente pela história - nunca se conseguiu desenvolver quando consideramos desenvolvimento como meramente acumulação de dinheiro. Desenvolvimento é diminuição de desigualdade social, melhoria da qualidade de vida, e baseando-se na tese do investimento público em grandes obras isso nunca conseguimos em lugar nenhum do mundo. Essa tese é exatamente o que o governo Lula, e agora o governo Dilma, praticam onde não se discute realmente o que é desenvolvimento. É um mito essa ideia. Celso Furtado, na teoria do mito do desenvolvimento, já criticava essa ideia de que se desenvolver é industrializar-se. Até desse ponto de vista mais clássico, da industrialização, estamos passando por um período que está sendo caracterizado como desindustrialização.

O país está se tornando um produtor e exportador de commodities, matérias primas, minério, soja e, portanto, nem deste ponto de vista clássico da teoria do desenvolvimento se está fazendo.



Marijane Lisboa

Como Belo Monte influirá nos assassinatos de lideranças no Pará?

Esse processo de construção de uma grande obra implica em atrair uma enorme quantidade de pessoas, em geral jovens, homens, desempregados, que vêm de outras regiões em busca de trabalho. Isso tem como consequência acirrar aquilo que já acontece normalmente na disputa por terras em todo o Brasil, desde o começo da nossa história. Os que têm mais poder econômico e político expulsam os pequenos, mesmo que tenham títulos de reforma agrária. Em assentamentos reconhecidos também são expulsos e ameaçados, alguns resistem outros são assassinados. O governo brasileiro, historicamente, não foi capaz de interromper esse processo, por não ser capaz de estabelecer um estado democrático de direito e fazer uma reforma agrária. Nessas condições, só se aceleram os problemas. Quando se tem um enorme número de pessoas que não são da região, que não possuem vínculo social e que vão avançar nas terras indígenas, irão desmatar para poder viver, vender madeira para o comércio, fazer carvão para siderurgia - e

alguns deles, inclusive, serão contratados como pistoleiros. Obras desse tipo aumentam enormemente fenômenos sociais, como criminalidade, abuso de menores, gravidez de adolescentes, prostituição e narcotráfico.

Qual é a importância do ato mundial contra a construção da hidrelétrica de Belo Monte?

A Organização dos Estados Americanos (OEA) irá julgar o que fará em relação à resposta do governo brasileiro, que declarou que a OEA não tem "nada a ver com isso". Nós somos signatários da Convenção de São José, reconhecemos a jurisprudência, e esses tratados de direitos humanos na América Latina são fundamentais. É um enorme avanço para o conjunto da América Latina e para o próprio Brasil. Assim, esse dia mundial irá colocar em evidência o quanto o mundo está envolvido com essa questão. Esse ato será muito importante para que a presidente, assim como o Congresso Nacional e alguns ministros, se tiverem olhos e ouvidos, percebam que existe muita gente contra Belo Monte.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Estudantes fazem ato em apoio à luta pela educação pública no Chile

Diversas entidades participaram de um ato em apoio à luta dos estudantes chilenos no último dia 17/8, em frente ao Consulado do país, na Avenida Paulista. Representantes de Centros Acadêmicos fizeram discursos sobre a importância dessa mobilização, que serve como referência para a luta pela educação em toda a América Latina.

Os estudantes brasileiros aproveitaram para apontar a necessidade da construção da campanha pelos 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para a educação pública, e divulgaram o ato que será realizado na PUC-SP com essa pauta, no dia 23/8 (veja mais na pág. 1).

Ignacio Olguin, estudante chileno que passava pelo local no horário do ato, parou para tirar fotos e conversar com os manifestantes. "Esse ato é muito importante para os estudantes chilenos. Só de mostrar uma foto de um grupo de pessoas em São Paulo, que apoiam a luta no Chile, dá um ânimo e revigora a vontade de lutar, pois mostra que o mundo está olhando para nós", afirmou.

Olguin é estudante de Educação Física e está no Brasil através de um intercâmbio. Segundo ele, que acompanha de perto as mobilizações por meio de seus amigos chilenos "a maioria dos estudantes chilenos sai com enormes dívidas da universidade, e com juros altíssimos, muitas vezes correspondentes ao preço de dois carros populares."

O estudante também disse que o governo está



Estudantes param Av. Paulista em solidariedade ao Chile

tentando desmoralizar as mobilizações estudantis, infiltrando policiais à paisana nas manifestações para incitar brigas, estimular "quebra-quebra" e desmoralizar o movimento. "Os jornais do país escondem esse fato, falam que os estudantes são vândalos, quando, na verdade, é o próprio governo que incita a violência", completa.

GREVE GERAL

A luta dos estudantes chilenos continua forte. Cerca de 100 mil pessoas não se importaram com a

neve e a chuva que caíram em Santiago, no último dia 18/8, e continuaram a protestar. Outros setores estão aderindo às mobilizações, e a Central Unitária dos Trabalhadores (CUT) convocou uma greve geral para os dias 24 e 25/8.

Outras formas de protesto tem tomado conta de Santiago. Uma praça da capital é tomada todos os dias por cerca de três mil pessoas que fazem um "panelaço" em apoio às lutas. Diversos estudantes também estão em greve de fome.

Debate discute precarização do trabalho do jornalista

O movimento Sindicato É Para Lutar! está organizando um debate no dia 23/8, a partir das 20h, para discutir a crescente precarização do trabalho do jornalista, e contará com a presença dos jornalistas Antonio Biondi, Pedro Alexandre Sanches, Rodrigo

Vianna e o advogado trabalhista Vinicius Cascone. A atividade é uma resposta às recentes demissões de jornalistas nas redações de São Paulo. Será realizada no Espaço Cultural Latino Americano (ECLA), localizado na Rua da Abolição, 244, no Bexiga.

Acampamento do MST na região de Americana resiste

O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) ocupa desde o sábado, 6/8, uma área utilizada, através de grilagem, pela Usina Ester. A área ocupada com 600 famílias acampadas é remanescente do sítio Boa Vista, que já teve parte destinada à Reforma Agrária com a regularização do Assentamento Milton Santos, em 2006, e está localizada na região do Salto Grande, no município de Americana, interior de São Paulo.

No sábado, 20/8, ocorreu o "Festival da Luta pela Terra", com programação de atividades religiosas, políticas e culturais na ocupação.

Já no domingo, 21/8, se inicia em Santo Antônio da Posse, a 13ª Romaria das Terras e Águas de São Paulo, "Um grito de dor, um clamor por justiça", que com a organização da CPT (Comissão Pastoral da Terra), contará com a presença dos acampados.

Segundo informações do MST, "a Romaria tem o objetivo de denunciar a contaminação dessa região por resíduos industriais despejados por mais de 60 multinacionais que estão destruindo o meio ambiente e causando doenças e até mesmo mortes em meio à população local".

As famílias acampadas temem a todo momento a ação de despejo, por não terem outro local para se alojar, como também pela possível repressão policial, que a cada dia se torna mais frequente quando se trata de reivindicações dos movimentos sociais.

ROLA NA RAMPA

CAMILA MIRANDA



Alunos de Artes do Corpo fazem manifestação

Curso de Artes do Corpo tem problemas com estrutura

Os estudantes do curso de Comunicação em Artes do Corpo realizaram na quinta-feira, 17/7, uma manifestação para reivindicar melhorias no curso. No final do semestre passado, os estudantes enviaram à PUC-SP um documento reivindicando adequações nas condições estruturais do curso, porém não obtiveram retorno. No início desse segundo semestre foram informados que as salas de aulas práticas, nas quais desenvolviam pesquisas no período da

tarde e da noite, não estariam mais disponíveis, já que as aulas da Fafica foram realocadas para o 4º e 5º andar do prédio novo em razão da reforma. Para que o curso possa ser ministrado são necessárias salas específicas, como informam os estudantes, com "piso adequado, manutenção diária de limpeza, aparelho de som e espelhos". Ainda segundo carta dos alunos, "a PUC-SP nos colocou em situação pior que a anterior".

Governo Dilma ataca novamente os aposentados

Mais uma vez a presidente Dilma Rousseff ataca os aposentados e pensionistas do INSS. Ao aprovar a Lei de Diretrizes Orçamentárias ela cancelou pontos já aprovados pelo Congresso Nacional e que estabeleciam aumentos reais aos aposentados que recebem mais do que um salário mínimo. Ainda resta aos aposentados as negociações entre governo e centrais sindicais que se iniciarão brevemente. Por outro lado, as negociações para terminar com o fator pre-

videnciário no cálculo da aposentadoria também podem redundar em perdas ao trabalhador em vias de se aposentar. Segundo nota divulgada na imprensa diária os técnicos do INSS estudam aumentos do tempo de contribuição que passará para 42 anos para os homens e 35 para as mulheres. Trata-se de mais um ataque aos trabalhadores a ser perpetrado por um governo que se elegeu prometendo melhorias nas condições de vida do povo brasileiro.

Escândalos do governo põem a PUC-SP outra vez na mídia

Mais uma vez a PUC-SP aparece negativamente nas páginas da grande imprensa. Desta vez a *Folha de S.Paulo* descobriu uma conexão que envolve a FGV na concorrência que a PUC-SP ganhou no Ministério da Agricultura. A Fundação São Paulo defende a tese de que tudo foi feito de acordo com a legislação vigen-

te, sem nenhuma irregularidade. De acordo com a reportagem, a FGV teria sido colocada no processo de forma fraudulenta, para que outras universidades além da PUC-SP aparecessem na concorrência. Na sexta-feira, 19/8, a reunião do Consad (Conselho de Administração), foi cancelada e remarcada para o dia 24/8.

Revista debate rumos da esquerda no Brasil

Para comemorar o lançamento da Edição Especial "Dilemas e Desafios da Esquerda Brasileira" a Revista Caros Amigos fará um debate sobre o tema. O debate será na terça-feira, 30/8, às 20h30, no Tucarena e contará com a participação

de Gilmar Mauro, José Arbex Jr., Maria Vitória Benedites e mediação de Hamilton Octavio de Souza. Para participar é necessário enviar email com nome e telefone no campo "Assunto" para: aesquerdabrasileira@carosamigos.com.br.

Mesa redonda debaterá internação compulsória

A Pastoral do Menor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) está promovendo a campanha Nacional em favor das Medidas Sócio-Educativas com o tema "Dê oportunidades". Em sintonia com essa iniciativa, a Faculdade de Educação, a Pastoral universitária, o Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC-SP e o

Centro Santo Dias de Direitos Humanos, com o apoio da Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias, realizarão uma mesa redonda para discutir as políticas públicas em seus vários aspectos e a questão da internação compulsória. A atividade irá ocorrer no dia 26/8, às 19h, no auditório 239, no prédio novo.

Funcionários e professores recebem diferença salarial

Os trabalhadores da PUC-SP receberam nesta semana as diferenças referentes a acertos do acordo salarial firmados no primeiro semestre deste ano. Para os professores fica-

ram faltando duas parcelas de 1,17% sobre os salários de março e abril. Já para os funcionários o mesmo percentual incidirá sobre os meses de março, abril, maio e junho.

Missa em Ação de Graças

A Reitoria, a Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias, a Pastoral Universitária e a DRH convidam a comuni-

dade acadêmica para a Missa em Ação de Graças pelos seus 65 anos, às 14h, no dia 24/8, na capela da PUC-SP.